

JK, MUITO ALÉM DA POLÍTICA

Edmílson Caminha

Houve uma época em que homens de cultura honravam a política brasileira. Não evoco José Bonifácio de Andrada e Silva, o Imperador Pedro II, José de Alencar, Joaquim Nabuco e Rui Barbosa, mas os que nos são mais próximos, como José Américo de Almeida, Gilberto Amado, Afonso Arinos de Melo Franco, Artur da Távola e Juscelino Kubitschek, que deixo para o fim apenas porque é dele que vou falar.

Nascido na mineira Diamantina, em 1902, aos 25 anos é concludente da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais. Vai para Paris especializar-se em urologia e saber mais das letras, das artes e da história com que ocupa o tempo livre. A melhor expressão dessa riqueza cultural é a esplêndida biblioteca particular que formou ao longo da vida, aberta aos visitantes do Memorial JK, em Brasília.

Prefeito de Belo Horizonte, governador de Minas, presidente da República, em 1964 o general Castello Branco lhe cassa o mandato de senador pelo estado de Goiás e os direitos políticos por dez anos. Em 1967, torna-se diretor presidente do conselho administrativo do Banco Denasa de Investimentos, do qual é um dos fundadores. Em junho de 1974, eleger-se para a Academia Mineira de Letras, e dois meses depois, no dia 12 de setembro, anota no diário íntimo, que continua inédito: "Faço hoje, incrivelmente, 72 anos. Sinto-me espiritualmente com a idade de 30. Nenhuma ferrugem na alma nem na vontade. As declarações e os sofrimentos da revolução não conseguiram quebrar a fibra íntima. Sinto-me ainda capaz de grandes aventuras, tais como Brasília. Esta graça Deus conferiu-me. Se não me permite ver o mundo num halo de esperança, também não o fechou nas trevas da desilusão. Compreendo os homens. São seres que não atingiram ainda o status profetizado por Teilhard de Chardin – a igualdade com Deus. Estão numa escala que exigirá ainda milênios ou bilhões para chegarem ao aperfeiçoamento. Sei, portanto, perdoar as falhas. De vez em quando uma ingratidão mais forte desequilibra a nossa crença. Com o tempo a refazemos."

No dia seguinte, JK responde à carta em que o jovem Amadeu Guimarães, presidente da comissão de formatura da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Juiz de Fora, dá-lhe ciência de que a turma o elegera paraninfo. O homenageado agradece, comovido: "Creia-me, e falo sinceramente, que a emoção foi das maiores que jamais até então experimentei". Não poderá, no entanto, aceitar o convite, pois

estará fora do Brasil em dezembro. Escolheu-se, então, um novo paraninfo, o professor Hilton Rocha, referência da oftalmologia brasileira.

Em 30 de setembro, Juscelino volta a escrever, agora a todos os formandos, para reiterar-lhes o pedido de desculpas e dizer: “Uma festa de estudantes sempre me cala ao coração, e em se tratando de doutorandos de Medicina, o meu interesse se redobra, porque equivaleria a debruçar-me numa janela e rever o passado: viver com meus amigos os momentos imorredores de emoção que também eu, há tanto tempo, experimentei.”

Confiante em que a carta será lida para os presentes à colação de grau, agradece aos que não o esqueceram: “Gostaria, mais, de manifestar de público e de viva voz, na calorosa atmosfera juiz-de-forana, a minha gratidão àqueles que vieram buscar[-me] no refúgio de minhas atividades para participar dessa gala coletiva, que é o momento culminante em que sonhos e visões de tantos anos se concretizam, numa cerimônia permanente e inolvidável. Nesse momento, porém, defiram-me um conselho: sejam bons, e que suas atitudes se inspirem na grandeza dos corações e na pureza dos gestos.”

Formado há 47 anos, como que revive o momento que não se apagou da lembrança: “Imagino a majestade do espetáculo — além da pompa a alegria, jorrando de semblantes que se extasiam na significação desse ato: a colação do grau de médico. E assume um compromisso: “Tão logo, no entanto, regresse do exterior, vou visitar a Escola de Medicina de Juiz de Fora, rever a cidade — e estou certo de que, na faculdade que ora deixam, encontrarei a marca dos que a cursaram com amor e proveito, e tão alto a souberam elevar.” Saúda os novos colegas com o pedido de que “Deus os cubra a todos de bênção”, para depois assinar-se, “do amigo e padrinho, Juscelino Kubitschek.”

Meses depois, em 1975, candidata-se à Academia Brasileira de Letras, e no terceiro escrutínio perde, por apenas dois votos, para o romancista e contista goiano Bernardo Élis. A derrota faz doer, mas não o vence. Preparada a tradicional recepção para confraternizar com acadêmicos e amigos, ouve ao telefone que perdera a disputa. Recompõe-se imediatamente, abre o sorriso famoso e diz: “Vamos virar essa página”, enquanto abraça a filha Maria Estela e sai dançando, como se fosse ele o ganhador. E era.

Esse, o Juscelino Kubitschek que enobreceu o Brasil e dignificou a política brasileira, pela generosidade humana, pela grandeza da cultura, pelo refinamento intelectual e pela alegria de viver, capaz, como escreveu Fernando Sabino, de fazer da queda um passo de dança...